

Literatura, Linguagem e Descolonização em Ngũgĩ wa Thiong’o (Quênia) e Chinua Achebe (Nigéria)

Bruno Ribeiro Oliveira¹, Univerisade de Granada

Resumo

A história de literatura africana contemporânea está repleta de debates que tratam de sua utilidade frente aos povos de África e a natureza dessa literatura. Através das ideias de dois escritores africanos, Chinua Achebe e Ngũgĩ wa Thiong’o, este artigo revisita a história das ideias desses autores em respeito à literatura africana e sua linguagem de escrita. Tratamos de perceber como dois autores da mesma geração, porém de locais diferentes, Nigéria e Quênia, respectivamente, pensaram a produção literária e sua função em África no período pós-colonial.

Palavras-chave: Chinua Achebe (1930-2013), Ngũgĩ wa Thiong’o (1938-), Literatura Africana, Línguas Africanas

Abstract

The history of African contemporary literature is full of debates that deal with its utility to the many African people and the nature of this literature. Through the ideas of two African writers, Chinua Achebe and Ngũgĩ wa Thiong’o, we revisit the history of the ideas of these authors in relation to African literature and the language in which this literature is written. We try to perceive how authors from the same generation, but from different locals, Nigeria and Kenya, respectively, thought their literary production and its function in Africa in the post-colonial period.

Keywords: Chinua Achebe (1930-2013), Ngũgĩ wa Thiong’o (1938-), African Literatures, African Languages

Introdução

O escritor nigeriano Chinua Achebe (1930-2013) escreveu uma das obras mais famosas da literatura africana, *Things Fall Apart* (1958). Nesse livro, estão presentes questões que foram abordadas por intelectuais e escritores africanos de todo o continente africano. Tal fato é evidente devido a história compartilhada entre os diversos locais de África que sofreram sob a colonização e a intersecção entre mundos africanos e europeus. Nessa obra são encontrados muitos dos temas e debates que seriam partilhados por muitos intelectuais de África, como os danos causados pelo colonialismo nas sociedades autóctones de África e a reação dos africanos a esse acontecimento.

Como Achebe, outros escritores de África se dedicaram às questões do entrelaçamento entre os mundos e as cosmovisões europeias e africanas. O resultado disso foi uma miríade de

¹ Doutorando no Programa de Doutorado em História e Arte da Universidade de Granada. É Mestre em História com ênfase em História de África pela Universidade de Lisboa.

romances de uma geração de escritores de fronteira. Costuma-se chamar de escritores de fronteira os escritores que, como Chinua Achebe, cresceram sob o mando colonial, em contato com a educação europeia (normalmente ministrada por missões religiosas), em contato com a educação de suas culturas autóctones e chegaram a vida adulta em países independentes. Esses escritores (e são normalmente homens, sendo baixo o número de mulheres escritoras nessa geração) podem ser entendidos como pontos de intersecção entre o mundo europeu e o africano. E o tema do contato entre povos europeus e africanos abundam em seus escritos.

Em *Things Fall Apart* é narrada a vida dos igbos antes da chegada dos colonizadores e a interação dos novos agentes na vida da sociedade igbo. O mundo se despedaça frente aos novos atores e a cosmovisão que eles trazem para o seio do mundo igbo. O drama também é presente em *Death and The King's Horseman* (1975) do nigeriano Wole Soyinka (1934) e em *The River Between* (1965) do queniano Ngũgĩ wa Thiong'o (1938). O mundo iorubá e o mundo quicuio, respectivamente, se encontram com o europeu e sofrem profundas alterações nesse contato

Para além da intersecção entre Europa e África, o que une todos esses escritores africanos é o uso da língua do colonizador em suas literaturas. Inglês, francês e português, majoritariamente formam o cerne da literatura africana. No rair das independências e dos escritores africanos de fronteira, as línguas africanas estavam relegadas para um segundo plano. As línguas europeias permaneceram como língua oficial dos novos estados e dos intelectuais africanos.

O predomínio das línguas da Europa não ocorreu apenas como uma política dos países independentes. A imposição das línguas europeias se deu através de décadas de dominação colonial que violentava não apenas fisicamente, mas culturalmente os povos de África. O expansionismo europeu que formou o mundo moderno e contemporâneo tratou de hierarquizar as línguas do mundo. As línguas africanas foram rebaixadas para um nível de menor importância no cenário internacional e até mesmo em seus locais originais. Essa divisão ocorreu em todos os continentes conquistados (América, Ásia e África). Enquanto as línguas europeias são compreendidas como línguas que produzem conhecimento e teoria e as línguas não europeias são relegadas para um papel de formação de cultura e folclore, nunca conhecimento (MIGNOLO, 2011, p.19).

O uso de línguas europeias permitiu a expansão da literatura africana para o restante do mundo. E favoreceu, também, a intercomunicação entre intelectuais de diferentes locais do mundo. Mas o uso das línguas europeias mantém o rebaixamento das línguas africanas para

uma existência de menor importância. Essa situação gerou debates sobre o uso das línguas europeias e africanas na literatura de África.

Ao tempo da descolonização também se debatia o uso das línguas nos novos estados. O uso do árabe permaneceu no norte, mas ao sul do Saara, ainda que grande parte dos habitantes falassem línguas africanas ou dominassem línguas nativas e europeias, as elites nacionais, educadas em línguas europeias, mantiveram as línguas dos colonizadores nos novos países. Não só formas de governo ocidentais foram mantidas, mas as línguas europeias também. Excepcionalmente, a Tânzania de Julius Nyerere (1922-1999) manteve o suaíli como língua oficial do país.

A questão do embate, da convivência ou da combinação entre línguas africanas e línguas europeias não é nova, nem está perto de acabar. Desde a colonização (com a introdução das línguas europeias e o escanteamento das línguas africanas para um segundo plano) até a descolonização (com o manutenção das línguas europeias e o surgimento de diversos intelectuais e militantes que propunham o uso de línguas africanas), as questões de que língua escrever, para quem se escreve quando se escreve em línguas europeias e para quem se escreve quando se escreve em línguas africanas, permanecem. Esse debate é longo e gerou, ao longo do tempo de vida dos escritores de fronteira, inúmeras discussões sobre o que fazer com as línguas de África e as línguas de Europa. Um dos debates mais interessantes que ocorreu entre escritores de fronteira sobre esse tema foi entre Chinua Achebe e o escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o. Por mais que esses autores sejam mundialmente conhecidos e debatidos nas academias, ainda falta espaço para se apreciar e compreender suas diferentes visões sobre o papel das línguas africanas e europeias no continente. Iremos, ao fluir das próximas páginas, visualizar a origem de duas formas de pensar o lugar da linguagem na literatura africana dos escritores de fronteira.

As origens do debate da questão das línguas na literatura africana contemporânea

Chinua Achebe foi um importante agente na história da literatura africana não apenas por sua relevância como escritor, mas também como uma peça fundamental na seminal coleção *Heinemann African Writer Series*. Na Conferência de Escritores Africanos de Expressão Inglesa em Makerere, Uganda, em 1962, dois fatos importantes ocorreram. Primeiro, foi levantada a questão do uso da língua inglesa por autores africanos presentes no evento. Em um continente que se descolonizava e onde estados-nações eram criados, havia espaço para se discutir qual o local e a função das línguas africanas nos novos países e qual o papel do escritor africano nessa situação.

A literatura africana, após a queda dos impérios coloniais, ficou em mãos de editoras europeias. A Heinemann foi responsável por fazer que a literatura dos escritores de fronteira de língua inglesa percorresse o mundo. Essa conferência alargou a discussão entre diferentes locais de África juntando escritores de fronteira de toda África e ela proporcionou um espaço em comum para os autores discutirem questões sobre seu continente. Mas o encontro de Makerere continuava a relegar a literatura escrita em línguas africanas para um nível inferior em divulgação, discussão e produção.

O segundo importante fato que ocorreu em Makerere foi a ação de um jovem e curioso escritor que ainda era estudante dessa universidade. Em 1962, James wa Thiong'o era um desconhecido escritor, mas já tinha alguma experiência em escrever contos e peças de teatro, além de ter produzido artigos para jornais. O jovem autor queria conhecer o escritor sul-africano Es'kia Mphahlele (1919-2008), cuja autobiografia, *Down Second Avenue* (1959) o havia impressionado. E queria entregar o manuscrito de um livro para Chinua Achebe (THIONG'O, 1962, p.7). Achebe tomou conhecimento do escrito e o recomendou para ser publicado na *Heinemann African Writer Series*, que se interessou em expandir suas publicações para o leste africano.

Foi por meio de Achebe que Thiong'o conseguiu publicar sua primeira obra, *Weep Not, Child* (1964), e iniciar uma longa relação com a Heinemann. Achebe trabalhava como assessor de editoração da editora (CURREY, 2003, p.576). A indicação de Achebe foi essencial para Thiong'o tornar-se um escritor. A Heinemann tinha apenas algumas obras publicadas, mas a decisão da editora, junto de Achebe, acabou por fortalecer uma série que se tornaria seminal nos estudos africanos com mais de trezentos títulos publicados (ACHEBE, 2009, p.102).

Thiong'o e Achebe possuem semelhanças em seus escritos. Por serem escritores da mesma geração, escritores de fronteira, indivíduos de ex-colônias britânicas, atores de semelhantes cenários e de ocorrências históricas que guardam semelhanças, certos temas aparecem na obra de ambos. A interação entre colonizados e colonizadores, sempre catastrófica para os colonizados, a introdução da religião cristã e os conflitos que isso gerava no seio de suas sociedades e a produção de diegeses baseadas em suas experiências coloniais que estão amparadas em seus devidos grupos culturais, ou seja, igbo para Achebe e quicuo para Thiong'o, são recorrentes. Mas ao analisá-los em suas particularidades descobre-se que, nas profundezas de suas mentalidades, moram diferenças que foram responsáveis em guiar esses autores para diferentes rumos.

As diegeses de Achebe estão embasadas no povo igbo, em sua história, costumes e região e a diegese de Thiong'o se amparam no povo quicuiu. Ambos trabalham como seus devidos grupos culturais se relacionaram com os colonizadores, mas cada um desses grupos se relacionou de formas diferentes. E, mesmo dentro desses grupos, foram variadas as experiências da colonização. Ambos autores recontam a história de seus povos, ou seja, oferecem conhecimentos históricos ao leitor. Essas experiências possuem semelhanças (educação cristã e ocidental, educação em língua inglesa, educação autóctone e em contato com novas formas governamentais, econômicas e culturais), e possuem diferenças (relações familiares diferentes, experiências culturais autóctones diferentes, línguas africanas diferentes, diferentes formas de se relacionar com a introdução do inglês e relação com diferentes fatos históricos).

Os autores africanos que cresceram sob a opressão colonial tenderam a escrever contra um pessimismo em relação aos povos africanos. Escritores como Achebe, Thiong'o, Soyinka, Alex la Guma (1925-1985) ou Ousmane Sembène (1923-2007), por exemplo. Esses escritores forneceram uma narrativa que destoava das narrativas dos colonizadores, cumprindo uma função didática e decolonial (ARAB, 1979, p.6). Durante o período colonial os escritos sobre África e seus povos era concentrado nas academias dominadas por brancos e por vieses, em grande medida, racistas. Para Achebe, um dos seus objetivos como escritor era contrapor o discurso de África realizado por europeus (ACHEBE, 2009, p.66). Desse modo, a literatura africana dessa geração pode ser compreendida por um viés decolonial.

A escrita de Achebe e de Thiong'o promovem uma desocidentalização. Essa desocidentalização promove uma cultura que antes era julgada como inferior, neste caso, as culturas igbo e quicuiu, trazendo à tona dados culturais pertencentes a esses povos que agora podem ser celebrados e vividos sem uma força que os oprima. A história dos povos outrora silenciados é reconquistada, afastando a predominância da história dos colonizadores e seus feitos coloniais e genocidas das mentes desses povos que se recuperam. Se essa reconquista da própria história não elimina a intromissão da história europeia em suas vidas, ao menos ela diminui o espaço dela na vida dos ex-colonizados. Esses dois intelectuais e romancistas tratam de tingir as cores do presente com dados positivos de seus respectivos povos. Isso valoriza suas culturas e é um processo onde se deixa de ser o africano incivilizado da narrativa colonial europeia e o se adquire humanidade não por se tornar igual ao antigo colonizador, mas por ter sua humanidade reconhecida e celebrada na diferença de sua existência (MIGNOLO, 2011, p.49). De outra forma, somos humanos não porque somos como os europeus, somos humanos dentro de nossas próprias características civilizacionais.

Achebe e Thiong'o oferecem uma descolonização mental. Ocorre que esse processo de descolonização não impede que as sociedades pós-independência de África adotem meios linguísticos, culturais, políticos e econômicos introduzidos pela Europa. Pode parecer paradoxo falar em descolonização e desocidentalização enquanto se mantém estruturas de origem europeia. Mas o processo de colonização foi longo e o processo de descolonização também o é. E, talvez, nunca seja completo num mundo globalizado onde o passado e o presente de África estão conectados com outros locais.

Apesar de pensadores negros como o americano W.E.B. Du Bois (1868-1963) e o jamaicano Marcus Garvey (1887-1940) já produzirem escritos sobre África e haver escritos de africanos, como o de Olaudah Equiano (1745-1797), o número de africanos produzindo sobre a África só se torna relevante e de alcance mundial com a geração dos escritores de fronteira que surge junto dos processos de independência e descolonização.

A geração de escritores de fronteira produziu com propósitos semelhantes (descolonizar, afirmar a humanidade dos africanos e, por vezes, orientar possibilidades de futuro), mas atuou politicamente com propósitos variados. Enquanto o interesse em escrever era mostrar ao mundo e aos africanos que a África não era uma região de barbarismo e de incivilidade, os escritores de fronteira ofereciam uma emancipação do conhecimento produzido por europeus sobre África. Mas as estradas para o futuro eram variadas. Alguns países enveredavam no caminho socialista como a Gana de Kwame Nkrumah (1909-1972). Outros seguiam a rota do capitalismo como o Quênia de Jomo Kenyatta (1894-1978).

Thiong'o e Achebe participaram desses processos, mas as estradas que eles tomaram foram em direções diferentes. Ambos tinham interesse em questões políticas e nos rumos de seus respectivos países e do continente. Mas os meios pelos quais eles examinavam a realidade eram divergentes e os futuros que eles desejavam também.

Thiong'o, Achebe e a política das línguas em África

O raiar das independências descambou em estados autoritários por quase todo o continente africano. As lógicas de partido único não permitiam o dissenso, a estrutura repressiva dos regimes coloniais e a forma de poder autocrático dos colonizadores fizeram escola, e as elites pós-coloniais estavam mais interessadas em garantir seu poder. Frantz Fanon (1925-1961) e Amílcar Cabral (1924-1973) escreveram que as elites nativas, educadas nas metrópoles, tinham mais interesse em se tornar os novos senhores dos estados africanos do que prosseguir com uma mudança revolucionária (FANON, 2004, p.16; CABRAL, 2016, p.43). No contexto da Guerra Fria, diversos regimes socialistas foram criados no continente.

Não menos autocráticos que seus vizinhos capitalistas. Guerras civis, golpes e boicotes por parte do Ocidente tornaram-se parte da vida dos africanos. Foi nesse cenário que Achebe e Thiong'o se desenvolveram como escritores de renome. E, para além das injustiças do passado colonial, o cenário pós-colonial os inspirou a escreverem.

Em seus respectivos países Achebe e Thiong'o desafiaram seus governantes autocratas. Denunciavam os abusos dos sistemas em que viviam e criticavam a desigualdade, injustiça e violência dos regimes pós-coloniais. Não eram apenas romancistas, mas agentes de transformação social em seus respectivos locais de atuação. Em 1966, Achebe publicou *A Man of The People*, obra que satirizava um país fictício muito semelhante com a Nigéria (ACHEBE, 2009b, p.6). No mesmo ano a Nigéria sofreu dois golpes de estado, um em janeiro e outro em julho. O primeiro, foi realizado majoritariamente por militares do grupo cultural igbo, e o segundo por soldados hauçás e fulanis que passaram a perseguir os igbos. Isso gerou um fluxo migratória de igbos que fugiam da perseguição violenta por todo o país. Achebe foi obrigado a fugir de Lagos porque soldados o perseguiram para descobrir o que era mais forte, suas armas ou a escrita do autor (ACHEBE, 2009b, p.5). Em menos de um ano, mais precisamente em julho de 1967, a Nigéria estaria em guerra civil, quando a região de Biafra, majoritariamente habitada pelos igbos, declarou independência e se tornou a República de Biafra, que existiu por três anos e teve entre seus mais ardentes defensores Chinua Achebe. Sua atuação ficou registrada em suas memórias, *There Was a Country*, de 2012, onde Achebe descreve sua atuação como político, militante e até diplomata em nome da breve república.

Do outro lado do continente, Thiong'o conheceu os horrores da guerra ainda nos tempos de escola. Quando explodiu a Insurgência Mau Mau, entre 1952 e 1960, Thiong'o viu sua mãe e irmão serem presos, viu sua comunidade ser desfeita, assistiu à construção de campos de concentração e ele mesmo foi detido mais de uma vez (OLUOCH-OLUNYA, 2000, p.85). Os Mau Mau, mesmo que derrotados, marcariam a escrita de Thiong'o para sempre e eles aparecem em diversos de seus escritos, ora como personagens da diegese, ora como tema principal. Os guerrilheiros Mau Mau aparecem como exemplos históricos a serem seguidos na luta contra o imperialismo. Esse embate colonial marcou a vida de Thiong'o, mas seu embate contra a autocracia ultrapassou o período colonial. Após a independência, Thiong'o se tornou professor do departamento de literatura de Universidade de Nairóbi. E, foi dessa posição que ele passou a militar pela literatura africana e por um caminho socialista para o Quênia, África e até mesmo para o terceiro mundo dentro do contexto da Guerra Fria.

Quando ele era professor ele foi convidado pela comunidade da aldeia de Kamiriithu para formar um centro educativo. Kamiriithu era uma antiga aldeia criada pelos britânicos no

tempo da Insurgência Mau Mau para prender guerrilheiros e seus apoiadores. Após o fim das hostilidades, muitas pessoas continuaram a viver no local. Oficialmente chamado de *Kamiriithu Community Education and Cultural Centre*, o local oferecia aos quicuios da região alfabetização, aulas de teatro e, uma experiência que foi muito importante na formação intelectual de Thiong'o, a possibilidade de se produzir uma peça de teatro num processo coletivo de colaboração.

No contato com Kamiriithu foi que Thiong'o se deparou com o problema de ser um escritor que escrevia em inglês. Como escrever em inglês quando o público que se deseja atingir não é alfabetizado em inglês? A solução foi trocar o inglês pelo quicuiu. A experiência marcaria o autor e seria entendida por ele como uma quebra epistemológica em sua carreira (THIONG'O, 2005, p.44). Assim nasceu *Ngaahika Ndeenda (I Will Marry When I Want)*, em 1977. A obra, escrita por Thiong'o e Ngugi wa Mirii (1951-2008), mas com a avaliação e reescrita de certas partes pela comunidade de Kamiriithu acabou sendo um sucesso que atraiu, não só os olhares da população queniana, mas a atenção das autoridades do país. O governo pós-colonial se sentiu ameaçado pelo sucesso da peça e sua retórica anticapitalista. Proibiu suas exposições, fechou teatros onde ensaiavam, destruiu o centro de Kamiriithu e prendeu Thiong'o por um ano devido ao seu envolvimento com uma obra que criticava as autoridades e conclamava os trabalhadores a resistirem ao poder neocolonial representado pelas elites.

Nesse ponto, mora a diferença entre Achebe e Thiong'o. Ainda que ambos quisessem escrever para os africanos, Thiong'o envereda por um questionamento: como escrever para emancipar a mente das classes trabalhadoras quando elas não têm o inglês como sua língua de vida cotidiana? Thiong'o queria que suas obras chegassem ao público que ele acreditava possuir um potencial revolucionário. É outra diferença entre Achebe e o queniano. Thiong'o enquadra o mundo através da ideia de luta de classes. Achebe não se apoderou de conceitos e teorias marxistas para pensar África e o mundo, Thiong'o, pelo contrário, o fez e adicionou-os aos seus escritos ensaísticos e fictícios.

Ao publicar seu terceiro livro, *A Grain of Wheat* (1976), James wa Thiong'o, mudou seu nome para Ngũgĩ wa Thiong'o. O autor alterou sua identidade atacando-a no nome ocidental que lhe foi dado e escolheu reencontrar um nome devidamente quicuiu. Era um passo na africanização do seu ser. O ato de trazer o passado africano ao seu presente na tentativa de alterar a obra da colonização e pensar uma possibilidade de futuro foi importante para sua produção subsequente. Consideramos esse o primeiro passo na estrada que Thiong'o tomou em relação as línguas em que a literatura africana era produzida. A já relatada experiência de Kamiriithu mostrou ao autor a necessidade de se escrever em quicuiu para

atingir os aldeões e trabalhadores quenianos. O trabalho nesse local o levou para a prisão com outros prisioneiros políticos do regime de Jomo Kenyatta e seu sucessor, Daniel arap Moi (1924-2020). Mas a prisão deu ímpeto para o autor escrever seu primeiro romance totalmente produzido em quicuio, escrito em rolos de papel higiênico (o único papel ao qual ele tinha acesso) (THIONG'O, 2018, p.7), e publicado em 1980 sob o nome de *Devil on the Cross*.

A forma de Thiong'o pensar língua e literatura africana veio de sua experiência no Departamento de Literatura da Universidade de Nairóbi e nos debates com seus pares (THIONG'O, 2005, p.1), da experiência de Kamiriithu com uma comunidade quicuio e a influência de pensadores como Frantz Fanon, Amílcar Cabral e do escritor nigeriano Obi Wali (1932-1993). Em 1963, um ano após a conferência de Makerere, Wali escreveu que as possibilidades de exploração de uma língua fazem a literatura e que muito já havia sido feito pelo francês e pelo inglês. Era hora dos escritores africanos fazerem isso pelas línguas africanas (WALI, 1963, p.14). Thiong'o, embarcou nessa missão.

Após o processo de colonização territorial das terras, foi aberto um espaço para a colonização da cultura e da mente dos africanos (THIONG'O, 2005, p.16). Ocorre que, aos quicuios das terras centrais do Quênia, a colonização trouxe a língua inglesa que era ensinada em escolas das missões cristãs e em escolas independentes (assim chamadas porque eram dirigidas pelos próprios quicuios). Porém, as missões tratavam de impor uma educação onde o centro das matérias estudadas era o Reino Unido e a Europa. As escolas independentes, ainda que ensinassem o inglês, eram mais próximas dos interesses quicuios dentro do contexto colonial (BENNET, 1957, p.122; KANOGO, 1987, p.79). A centralidade dos valores e saberes europeus predominou nos anos de escola secundária e até na Universidade de Makerere, onde Thiong'o se graduou. A história, a literatura, a geografia, a política e a filosofia eram todas ministradas tendo em seu centro a metrópole londrina e a Europa.

O desenvolvimento intelectual de Thiong'o, vai de um autor com um viés humanista e cristão (influência da educação cristã) para um autor com viés socialista e revolucionário. Thiong'o acredita que as línguas africanas são mantidas pelas classes com potencial revolucionário, ou seja, trabalhadores urbanos e aldeões (THIONG'O, 2005, p.23). Por esse motivo, seu interesse é escrever para a libertação dessas pessoas contra as correntes do capitalismo e do imperialismo ocidental. A receita que o autor encontra é escrever em quicuio, pois é a língua com a qual ele consegue se comunicar com seu público-alvo. Sobre as classes superiores, Thiong'o afirma que elas são mentalmente dominadas pela cultura e pelas línguas europeias e isso causa o seu afastamento da realidade africana em que os subalternos vivem. Enquanto Thiong'o se ampara em Fanon para pensar as classes superiores como

separadas da realidade das classes baixas, o revolucionário e pensador marxista da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral, fornece ao queniano o pensamento sobre cultura.

Cabral via no reencontro com a cultura africana a base para contestação do colonialismo (CABRAL, 2016, p.38-39), Thiong'o dá um passo além nessa ideia. Para o autor, no resgate da cultura é necessário recuperar as línguas apagadas ou rebaixadas pelo projeto colonialista. As línguas africanas, na forma como Thiong'o as encara, são portadoras de cultura. Segundo Thiong'o, as línguas e suas tradições orais e literárias carregam valores que permitem que as pessoas conheçam a si mesmas e o mundo que as cercam. E, como a linguagem afeta a maneira como as pessoas se compreendem e entendem o mundo, a introdução de uma outra língua altera essas lógicas (THIONG'O, 2005, p.16). Para Thiong'o, a introdução do inglês na vida quicuio fez com que eles tivessem visão de mundo alterada e essa alteração é o que permitiu que os quicuios se tornassem mão de obra para os interesses europeus (THIONG'O, 2005, p.15).

Foi contra isso que Thiong'o se posicionou ao defender em sua obra de 1986, *Decolonizing the Mind*, o retorno dos escritores africanos ao uso das línguas africanas. Thiong'o deseja que os escritores africanos façam por suas línguas aquilo que os escritores europeus fizeram pelas suas, consolidando-as e enriquecendo-as (THIONG'O, 2005, p.6). Porém, essa missão designada por Thiong'o não abre muitas possibilidades de desfecho senão um: a escrita de autores africanos em línguas africanas deve estar conectada com os interesses das classes mais baixas e produzir escritos que levem à democracia, ao socialismo entre os povos do mundo e à derrota do imperialismo (THIONG'O, 2005, p.30).

A colonização, na obra de Thiong'o, aparece como um fato que afastou os africanos de sua africanidade. Isso é entendido como a separação entre um grupo e sua língua de vida comunal e de interação entre as pessoas e o ambiente em que habitam. Isso cria uma situação onde o africano habita uma esfera linguística que não representa sua realidade (THIONG'O, 2005, p.28). Como a cultura se transmite na comunicação entre seres humanos e em suas ações e experiências (THIONG'O, 2005, p.14), o colonialismo se infiltrou nesse processo que existia sem a interferência europeia, alterando-o. Isso criou uma situação onde a mente do africano que habita África é moldada para e por padrões europeus, alienando o africano de sua própria cultura e realidade. Thiong'o entende que a fala e a escrita cumprem a missão de dar sentido à vida de determinado povo e de lhes informar sobre sua própria realidade. Alienados da língua e de sua cultura pelos colonialistas os povos se tornam passíveis de serem explorados. Thiong'o coloca a cultura na linha de frente do combate contra o imperialismo porque é através dela, acredita o autor, que o legado do colonialismo pode ser combatido.

Nesse ponto, existe uma importante relação entre cultura e história na obra e no pensamento de Thiong'o. Se o imperialismo busca negar o processo histórico dos povos africanos através da dominação e apagamento de sua cultura (CABRAL, 2016, p.37), a busca pela cultura autóctone de determinado povo africano é o método pelo qual esse determinado povo vai conseguir se recolocar novamente nos trilhos de sua própria história (CABRAL, 2016, p.38-39). O autor queniano acredita que a história é um jogo dicotômico entre aqueles que buscam dominar e aqueles que resistem e, nesse enredo, personagens históricos são heroicizados com o propósito de servirem de exemplos históricos de resistência para os seus leitores. Exemplo disso é o personagem Matigari (1986) da obra de mesmo nome. Matigari vaga pela África pós-colonial denunciando a injustiça, o neocolonialismo, o imperialismo e conclamando o povo à luta armada contra as elites nativas que ele considera agentes dos interesses do ocidente, em outras palavras, Matigari faz um chamado à revolução socialista.

A proposta de descolonização das mentes de Thiong'o prevê que as línguas europeias sejam eliminadas da literatura, do teatro e de todos escritos africanos. O autor acredita que o contínuo uso das línguas europeias são resquícios coloniais que mantêm a África no seu estágio neocolonial. O uso de línguas europeias na literatura escrita por africanos, para Thiong'o, não constitui literatura africana, mas sim literatura afro-europeia. Wole Soyinka, Chinua Achebe, Ayi Kwei Armah (1939) são, então, escritores de literatura afro-europeia e, dentro dessa nomenclatura, Thiong'o entende que essas literaturas estão mais próximas das classes burguesas (THIONG'O, 2005, p.27). Autores como Okot p'Bitek (1931-1982) e Tom Mboya (1930-1969), por escreverem em línguas africanas, são escritores de literatura africana que estão mais próximos das classes trabalhadoras (THIONG'O, 2005, p.24).

Para ser uma literatura considerada africana, o autor acredita que ela deve ser escrita em alguma língua africana. Dado que a língua, como portadora da cultura, tem o poder de reconectar os povos colonizados com sua cultura e, por consequência, com sua história, o intelectual africano que produz em línguas africanas cumpre esse objetivo. Mas na escrita em línguas europeias mora o manutenção da situação neocolonial de África. Thiong'o rejeita a hierarquia das línguas imposta pela modernidade ocidental. Outro ponto do autor é que ele não advoga uma nova hierarquização das línguas. Não é seu objetivo fazer as línguas africanas superiores, mas permitir que elas coexistam em situação de igualdade e em conexão com as outras línguas do planeta, enriquecendo-as e sendo enriquecidas por elas (THIONG'O, CANTALUPO, 2016, p.11).

Diferente de Thiong'o, Achebe produziu em inglês por toda sua vida. O autor encontrou nessa língua o seu meio de expressão. Achebe não foi menos ativo socialmente

como escritor e, em 1968, ele apresentou um artigo sobre a missão do escritor: escrever para denunciar as injustiças que afetam as pessoas (OGUNGBESAN, 1974, p.46). Achebe se pronunciou sobre a função da literatura ao afirmar que a arte deve estar a serviço da comunidade para tornar a vida mais fácil (ROWELL, 1990, p.86) por nos fornecer interpretações sobre a vida para os mais diversos momentos de nossas existências e que isso é realizado por escritores africanos sérios (ROWELL, 1990, p.88). Achebe até mesmo expressa que os escritores existem porque o mundo está cheio de problemas para serem debatidos (OGBAA; ACHEBE, 1981, p.4).

A visão de Achebe sobre a literatura africana é menos dogmática do que a visão de Thiong'o, porém, ao mesmo tempo, ela é menos precisa, no sentido de que ela pode se encaixar em qualquer modelo ideológico e político. Enquanto Thiong'o expõem o problema com bases fundamentadas em seu pensamento influenciado por Fanon e Cabral e fornece a solução com propostas socialistas, Achebe fornece uma resposta aberta. Tornar a vida melhor, interpretar a vida e deixar a arte ao serviço da comunidade são expressões que permitem uma miríade de possibilidades de interpretações e conclusões. Achebe chega a argumentar que todo o desenvolvimento de um país, como a Nigéria, depende da capacidade da literatura em permitir que valores sejam transmitidos aos leitores de modo a fazer com que façam escolhas e lutem (OGBAA; ACHEBE, 1981, p.13). Trata-se de uma afirmação abstrata, dado que os valores não são pontuados. Ademais, enquanto Thiong'o possui um interesse maior em reconquistar uma africanidade impactada pelo colonialismo, Achebe declara que ter nascido nessa encruzilhada entre dois mundos foi a melhor coisa que lhe ocorreu como escritor (ROWELL, 1990, p.101). Ou seja, enquanto Thiong'o critica as imposições coloniais, Achebe consegue reconhecer vantagens nesse entrecruzamento de culturas.

Perguntas que já foram colocadas por outros autores podem nos ajudar a identificar e separar as ideias de Thiong'o e de Achebe. Pode-se perguntar o que é linguagem para cada um dos autores, qual o objetivo da escrita em determinada língua, o que e quem o escritor busca com seus escritos e qual a relação do uso de uma língua para seu contexto (BOTWE-ASAMOA, 2001, p.747-748)? Como Thiong'o, as percepções de Achebe vem de seu entorno cultural igbo, na relação de seu grupo cultural com os colonizadores britânicos e no seu percurso biográfico dentro de conjunturas históricas. Achebe declarou que escrevia sobre o seu povo e que em sua escrita havia conhecimentos antropológicos e sociológicos sobre os igbos. O autor nigeriano acredita que seus livros cumpriam uma função de explicar o mundo dos igbos ao restante do mundo (OGBAA, ACHEBE, 1981, p.1). Achebe reconhece que a leitura de suas obras por brancos expande o arcabouço intelectual dessas pessoas, uma vez

que permite que elas saboreiem um mundo além do europeu (ACHEBE, NWACHURWU-AGBADA, 1987, p.285). Apesar da intromissão colonial, Achebe não considera que a cultura igbo foi destruída pelos europeus, mas foi profundamente abalada. Ele compreende esse processo de culturas que se chocam e se influenciam como uma constante na história mundial. Os igbos sofreram sob o colonialismo, tiveram sua cultura influenciada por uma força estrangeira, mas mesmo que ela tenha se modificado, ela permanece viva (OGBAA, ACHEBE, 1981, p.3). Por essa compreensão de Achebe quanto aos igbos, fica mais fácil de entender seu interesse na língua inglesa e em se considerar um autor africano que escreve em inglês.

Chinua Achebe pensa o uso da língua inglesa de maneira pragmática. O autor argumenta que a língua inglesa oferece uma forma para os nigerianos se comunicarem. Os mais diferentes grupos culturais e linguísticos do país podem, então, se comunicar por uma língua comum enquanto mantém suas línguas tradicionais em suas devidas comunidades. O contrário, Achebe acredita, seria ignorar as vantagens que o inglês trouxe para África (ROWELL, 1990, p.95). Achebe não compartilha da visão de Thiong'o sobre o uso das línguas africanas e nem sobre a ideia do autor queniano em declarar que a literatura escrita em línguas europeias por africanos não é uma real literatura africana. Achebe joga de lado a crítica de Thiong'o sobre isso ser uma continuidade da obra do colonialismo. O autor crê que Thiong'o está faltando com a verdade ao tratar da língua inglesa e sua história no continente (ACHEBE, 2009, p.100). Para o nigeriano, Thiong'o quer esconder as histórias da relação entre os povos autóctones de África e a língua inglesa. Achebe critica o fato de Thiong'o dizer que o inglês foi uma imposição britânica (ACHEBE, 2009, p.107).

Thiong'o mergulha pouco na história da língua inglesa no Quênia colonial em seus escritos. Os quicuios procuraram o ensino em língua inglesa de modo a se engrenar nas instituições introduzidas pelo controle colonial. Os quicuios até acabaram favorecidos linguisticamente uma vez que os colonizadores britânicos optaram por descartar o suaíli na comunicação com os povos das regiões centrais da colônia do Quênia e optaram por utilizar o quicuiu em sua relação com os autóctones (PETERSON, 2006, p.191). A própria criação de um alfabeto quicuiu foi produzida por europeus que estudavam a língua e algumas traduções da Bíblia foram realizadas para o quicuiu como parte dos esforços de conversão.

Por momentos, na história da língua inglesa na colônia do Quênia, não se trata de uma imposição direta dos colonialistas, mas uma imposição indireta. Ainda que eles não obrigassem o estudo da língua inglesa (a obrigação só ocorreria em 1952, com o início da Insurgência Mau Mau), somente essa língua dava acesso à modernidade europeia. Podia se

viver a falar quicuio, mas falar quicuio não dava acesso ao mundo que os colonialistas criavam e o mundo pré-colonial, onde o quicuio era mais relevante, estava desmoronando. Ocorre que no Quênia colonial, o mundo quicuio era alterado em sua política, economia e sociabilidade. E a história da relação dos quicuios com os britânicos mostra que eles ora se alinhavam, ora lutavam contra os colonizadores e que, nunca houve uma posição geral e unânime entre os quicuios sobre os europeus (MAXON, 2002, p.93).

Thiong'o e Achebe são frutos da intromissão colonial e da relação de seus povos com os colonizadores. O inglês permitiu o sucesso de ambos na vida colonial e pós-colonial. A diferença é que o autor nigeriano pensa a língua por um viés pragmático e culpa o pluralismo linguístico de África pelo uso das línguas europeias (ACHEBE, 2009, p.109) e, o autor queniano, culpa o imperialismo europeu pelo uso das línguas desse continente. Achebe pode ser entendido como parte do grupo dos autores africanos que consideram sua literatura de um ponto de vista pragmático, enquanto Thiong'o compreende a literatura escrita por africanos em línguas europeias, como uma subordinação à Europa (BOTWE-ASAMOA, 2001, p.746). Ainda que Thiong'o tenha afirmado que as classes subalternas poderiam africanizar o inglês, do mesmo modo que existe um inglês australiano ou nigeriano (THIONG'O, 1985, p.113), ele passa a desconsiderar essa premissa porque o uso do inglês sempre constitui uma continuação do colonialismo, ou seja, uma língua alienígena aos povos africanos não pode refletir uma cultura e história de povos africanos.

A questão da história e cultura não perturba Achebe, porque ele não busca profundas mudanças no sistema, ele vê o problema na liderança nigeriana e sua forma de gerir as instituições. Enquanto Thiong'o propõem soluções coletivas e impostas de baixo para cima de modo a fazer com que essa hierarquia social capitalista seja superada, Achebe mira nas elites nigerianas e africanas. Ele crê que um sistema político é constituído de líderes e seguidores e pensa que eles devem se apoiar mutuamente para realizar um objetivo (ACHEBE, 2009, p.141-141). Ele identifica que na Nigéria isso não ocorre, mas ao mesmo tempo, Achebe não discute quais as possibilidades de futuro. Achebe não discute propostas coletivistas, ele apenas crê que uma liderança forte e responsável é necessária para guiar os países africanos a qualquer rumo que seja e não pode haver sucesso social sem lideranças efetivas (ACHEBE, 2009, p.142). Achebe reconhece que existem diversos tipos de lideranças: políticas, militares, intelectuais, industriais, técnicas, entre outras, e que essas lideranças tem o dever de influenciar e guiar as massas. Ele imagina uma hierarquia onde as lideranças, acima das massas, podem lhes dizer o que e como fazer (ACHEBE, 2009, p.145). Ao seu ver, não existe mundo sem elites, mas mundo com elites justas ou não (ACHEBE, 2009, p.147). Acredita, o

autor, que os problemas de seu país e de África podem ser resolvidos por uma elite iluminada. O problema, segundo Achebe, não está no sistema político e econômico, mas nas pessoas que estão a controlar as instituições que regem o sistema (ACHEBE, 2009, p.141).

Porém, a posição de nenhum dos autores é totalmente correta. Isso se deve a não compreenderem que estão a falar de posições históricas, geográficas e culturais diferentes (ainda que possam ser encontradas semelhanças). Nessa discussão, os autores ignoram as realidades de cada um deles e trazem suas particularidades locais para o cenário geral do continente africano e sua história em relação a língua inglesa. É como se eles interpretassem a África a partir de suas memórias pessoais e coletivas e a partir da história dos locais onde estão inseridos. Desse modo, Thiong'o não só produz literatura por um viés quicuío e Achebe por um viés igbo, mas ambos tendem a interpretar a colonização de outros locais de África a partir de suas experiências individuais e de seus grupos autóctones respectivos.

O principal fator que difere Thiong'o de Achebe é o enquadramento marxista do autor queniano em relação a realidade africana e o fato de ele compreender que uma língua carrega cultura e a força da vida comunal (BOTWE-ASAMOA, 2001, p.750). Falar a sua língua de origem torna-se uma questão de orgulho e dignidade, além da literatura escrita em línguas africanas enriquecer as línguas do continente (BOTWE-ASAMOA, 2001, p.752). O que Thiong'o tem em mente são os estados-nações europeus e suas línguas nacionais. Sua pergunta é: porque franceses, russos e alemães possuem línguas nacionais, enquanto nós, africanos e em estados-nações africanos, precisamos utilizar línguas importadas? Pode-se pensar que Thiong'o tenta resguardar valores quicuíos e a história desse povo desafiando a hierarquia linguística imposta pela Europa. E Achebe trata de entender os valores igbos e sua história no entrecruzamento desse povo com o fato colonial. O autor queniano quer descolonizar totalmente e o autor nigeriano quer descolonizar dentro de limites da praticidade de um mundo que ainda é dominado pelo Ocidente. Thiong'o tem pressa em derrotar o capitalismo europeu, Achebe pensa que o sistema não está errado, mas tem muito a melhorar.

Ainda que Achebe reconheça que a educação literária a qual foi exposto nas escolas coloniais lhe ensinasse uma incivilidade do africano em contraponto a civilidade do europeu (ACHEBE, 2009, pp.120-121), e que a linguagem dessas narrativas justificassem o imperialismo e o colonialismo (ACHEBE, 2009, p.160), Achebe concluiu que poderia se utilizar do inglês para rebater devidos discursos. Isso é algo que Thiong'o não segue. Pois, em sua ideia de descolonização mental, o uso de uma língua europeia não pode ser uma portadora de cultura e nem refletir a história de um povo africano.

Achebe encontra no inglês a própria forma de derrotar o colonialismo britânico. Podemos compreender da seguinte forma: o ocidente e a modernidade introduzida por ele no restante do mundo trata de narrar suas virtudes, racionalidade e conquistas, enquanto esconde seus crimes (MIGNOLO, 2011, p.2-3). Então, para autores que engrenam na modernidade imposta sobre suas civilizações por forças colonizadoras e genocidas, usar a linguagem e a episteme dos europeus é uma maneira de denunciar e sabotar seus projetos desumanos. É isso que Achebe faz e foi isso que ele fez em *Things Fall Apart*, onde narra a desagregação do mundo igbo pré-colonial, sem romantizar os igbos, ao mesmo tempo que mostra o horror da colonização. E, os autores africanos que produziram e produzem em inglês, usam um inglês adaptado às suas experiências e aos seus mundos (MADUBUIKE, 1975, p.147). Desse modo, Achebe se sente confortável em utilizar o inglês, não porque ele foi uma imposição, mas porque a aceitação da nacionalidade nigeriana (um estado-nação formado ao estilo europeu) por parte dos diferentes grupos culturais que formam a Nigéria, criou a necessidade de se utilizar uma língua comum, o inglês (ACHEBE, 2009, p.122).

Thiong'o concorda com Achebe nas fronteiras legadas pelo colonialismo que deram origem aos estados-nações africanos, mas ele não está interessado em manter uma língua estrangeira como língua oficial de seu estado. Pode-se dizer que até mesmo se trata de um viés patriota interessado na soberania nacional. Mas essa afirmação não seria correta, porque Thiong'o acredita na união dos trabalhadores ao redor do mundo e sonha com um planeta unido sob a bandeira vermelha do socialismo. O projeto de Thiong'o é rico porque enxerga e valoriza a pluralidade de vidas e línguas e, dado que a língua carrega cultura e história, compreende um mundo não só multicultural, mas intercultural onde muitas histórias caibam e que não sejam impostas umas sobre as outras.

Conclusão

A história da língua inglesa em África é diversa como os povos que constituem o continente. Independente da forma que for estudada, sua história e a história da interação colonial com os habitantes de África é a história da expansão imperial da cosmovisão europeia sobre a África. Os problemas legados pelo colonialismo não são apenas de natureza econômica e política, mas impactaram e impactam as mentalidades e as culturas da África passada e hodierna. Na discussão sobre as línguas em que a literatura africana deve ou não ser produzida mora uma parte da história intelectual de África. Achebe e Thiong'o, junto com Soyinka e Ousmane, são os mais bem sucedidos escritores de fronteira cujas obras atravessaram todos os oceanos. Ainda que não sejamos capazes de dizer qual o desfecho de

suas ideias para o futuro da literatura africana, compreendemos que suas ideias são fruto de suas experiências coloniais e pós-coloniais que os colocaram em choque com forças autocráticas. O debate entre Achebe e Thiong'o colocou em choque duas perspectivas para entender a situação de África através da literatura e sua relação com o público que desejavam influenciar. É preciso entender que a literatura dos escritores de fronteira está carregada de história e de política e que esses são temas presentes na literatura africana.

A emancipação buscada por esses dois escritores para os africanos procura atuar na mente dos ex-colonizados. Enquanto a África se livrava geograficamente e institucionalmente do controle colonial, Achebe e Thiong'o buscam uma emancipação mental. Seus escritos reafirmam o orgulho, atacam o racismo, o colonialismo e prezam pela liberdade dos povos de África (KUNENE, 1992, p.9). Achebe e Thiong'o faziam algo digno pelos seus povos, recuperavam e mantinham vivas histórias, memórias e tradições (ROTHWELL, 1980, p.75). Temas que não estão longe de críticas, erros e de disputas entre intelectuais e suas maneiras de enquadrar o mundo e a vida. O debate sobre a literatura africana e qual língua é mais apta para lhe representar está longe de terminar. Achebe e Thiong'o são parte dessa história. O futuro? A possibilidade é de que a escrita em línguas europeias vá existir durante muito tempo em África, uma vez que também se tornaram línguas africanas e, as línguas africanas, vão continuar a ser utilizadas em diversas produções literárias, disputando espaço e reconhecimento.

Referências

- ACHEBE, Chinua. **A Educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico**. São Paulo: Editora Schwartz, 2009.
- ACHEBE, Chinua; NWACHURWU-AGBADA J.O.J.. An Interview with Chinua Achebe. **The Massachusetts Review**, v.38, n.2, 1987, pp.273-285.
- ACHEBE, Chinua. What is Nigeria to me? In: ACHEBE, Chinua. **Africa's Tarnished Name**. Penguin Random House, 2009b, pp.1-9.
- ARAB, Si, Abderrahme. **The Novel as a Chronicle of Decolonization in Africa**. Sussex: University of Sussex, 1979.
- BENNET, George. The Development of Political Organizations in Kenya. **Political Studies**, v. 5, n. 2, 1957, pp.113-130
- BOTWE-ASAMOA, Kwame. African Literature in European Languages: Implications for the Living Literature. **Journal of Black Studies**, v.31, n.6, July, 2001, pp.746-763.
- CABRAL, Amílcar. Liberdade Nacional e Cultura. In: MONDAINI, Marco. **Cultura em Tempos de Liberdade Nacional e Revolução Social: Amílcar Cabral, Samora Machel e Mário de Andrade**. Recife: Editora UFPE, 2016, pp.31-58.

- CURREY, James. Chinua Achebe, the African Writer Series and the Establishment of African Literature. **African Affairs**, v.2, n.409, 2003, pp.575-585.
- FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 2004.
- KANOOGO, Tabitha. **Squatters & the Roots of Mau Mau**. James Currey Ltd. London, 1987.
- KUNENE, Daniel P. African-Language Literature: Literature and Hope. **Research in African Literatures**, v.23, n.1, 1992, pp.7-15.
- MADUBUIKE, Ihechukwu. Chinua Achebe: His Ideas on African Literature. **Présence Africaine**, n.93, 1975, pp.140-152.
- MAXON, Robert M. Colonial Conquest and Administration. In: OCHIENG, William R. (Edt.). **Historical Studies and Social Change in Western Kenya**. Nairobi: East African Educational Publishers Ltd., 2002, pp.93-109.
- MIGNOLO, Walter D. **The Darker Side of Western Modernity**. Durham: Duke University Press, Durham & London, 2011.
- PETERSON, Derek R. Language Work and Colonial Politics in Eastern Africa: The Making of Standard Swahili and “School Kikuyu”. In: HOYT, David L.; OSLUND, Karen. **The Study of Language and the Politics of Community in Global Context**. Plymouth: Lexington Books, 2006, pp.181-210.
- ROTHWELL, Angela Downing. Language and Theme in the novels of James Ngugi (Ngugi wa Thiong’o). **Atlantis: Revista de la Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos**, v. 2, n. 2, 1980, pp. 74-87.
- ROWELL, Charles H. An Interview with Chinua Achebe. **Callaloo**, v. 13, n.1, 1990, pp.86-101.
- WALI, Obiajunwa. The Dead End of African Literature? **Transition**, n. 10, 1963, pp.13-16.
- OGBAA, Kalu; ACHEBE, Chinua. An Interview with Chinua Achebe. **Research in African Literature**, v. 12, n.1, 1981, pp.1-13.
- OGUNGBESAN, Kolawole. Politics and the African Writer. **African Studies Review**, v.17, n.1, May, 1974, pp.43-53.
- OLUOCH-OLUNYA, Garnette. **Contextualising Post-Independence Anglophone African Writing: Ayi Kwei Armah and Ngugi wa Thiong’o compared**. Glasgow: University of Glasgow, 2000.
- THIONG’O, Ngũgĩ wa; CANTALUPO, Charles. African Literature... Says Who? **Transition**, n.20, 2016, pp.4-21.
- THIONG’O, Ngũgĩ wa. **Decolonizing the Mind**. Portsmouth: James Currey, 2005.
- THIONG’O, Ngũgĩ wa. **Wrestling with the Devil**. London: Vintage, 2018.